

## **Indo além do compartilhamento: reflexões sobre o uso das novas mídias digitais como plataformas de apoio ao ensino superior presencial<sup>1</sup>**

Davi REBOUÇAS<sup>2</sup>

Centro Universitário Estácio do Ceará, Fortaleza, CE

Luana INOCENCIO<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### **Resumo**

Repensando e ressignificando o uso das novas mídias sociais e digitais, o presente estudo discute a utilização e apresenta possibilidades de uso dessas tecnologias digitais na educação superior a partir de três plataformas: *Facebook*, *WhatsApp* e *Viber*. Utilizando o método da pesquisa exploratória bibliográfica, são apresentados, brevemente, os históricos das tendências pedagógicas e um panorama geral do ciberespaço, de sua forma estática à colaborativa e interativa. Por fim, apresentam-se algumas possibilidades de uso das supracitadas plataformas como apoio ao ensino presencial, concluindo-se que seu uso pode, a partir de um planejamento interdisciplinar, colaborar para a efetividade da construção do conhecimento, por meio da interação em ambiências dinâmicas e colaborativas.

**Palavras-chave:** Plataformas digitais; docência; cibercultura; aplicativos; *m-Learning*.

### **Introdução**

Considerada por muitos como a ciência e a arte de ensinar, a Didática tem seus primórdios na obra de Comênio, *Didactica Magna* (1649). Os estudos, inicialmente, voltavam-se para a educação de nível de básico, pois acreditava-se que para atuar como professor universitário, fazia-se necessário possuir apenas os conhecimentos sobre a disciplina a ser ministrada e seus respectivos métodos de pesquisa, dispensando os relacionados às metodologias de ensino. As discussões a respeito da didática do ensino superior, no entanto, vêm ganhando cada vez mais espaço na contemporaneidade, pois se percebeu que, apesar de os estudantes desse nível de ensino serem adultos, habilidades pedagógicas que proporcionem um aprendizado eficaz são fundamentais.

No atual contexto em que aparatos digitais estão cada vez mais presentes na vida dos indivíduos, novas plataformas de comunicação e interação não podem ser desconsideradas no processo de ensino. As mídias digitais sociais corroboram e são utilizadas como meio de divulgação e construção dos diversos Eus dos sujeitos, por meio do compartilhamento de textos (imagens e textos escritos), pensamentos e conhecimentos por usuários da web com outros

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Pós-graduando em Comunicação e Marketing em Mídias Digitais e em Docência e Gestão do Ensino Superior pelo Centro Universitário Estácio do Ceará. Recém-graduado em Publicidade e Propaganda pela mesma IES. E-mail: davirp52@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientadora do trabalho. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba (PPGC/UFPB) e Integrante do Grupo de Pesquisa em Processos e Linguagens Midiáticas (Gmid/UFPB). E-mail: luanahinocencio@hotmail.com.

usuários adicionados às suas redes de contatos<sup>4</sup>. O barateamento de aparelhos como *smartphones*, que facilitam o acesso à internet móvel, e a ampliação do acesso à banda larga possibilitaram maior proximidade e frequência de uso dessas plataformas de redes sociais *on-line*. Esse contexto digital também é um dos responsáveis por possibilitar maior difusão de conhecimentos. Se antes a aquisição destes estava restrita ao ambiente educacional, agora ela é cada vez mais móvel, podendo ocorrer em qualquer lugar e com proporções significativas. Contextualizar a educação - de todos os níveis - à essa realidade é uma forma válida de torná-la mais eficiente, significativa, participativa, colaborativa.

Não se pretende condenar a didática tradicional e nem sugerir que os professores passem a adotar exclusivamente as novas mídias como ferramentas de ensino. Além disso, cabe lembrar que a adoção destas não significa uma alteração de papéis dos educadores. As novas mídias devem ser observadas como aparatos que auxiliam o processo de ensino e não como substitutas de mestres, que continuam fundamentais na mediação do conhecimento. As transformações sociais desencadeadas pela tecnologia, porém, não podem ser ignoradas como alternativa educacional no atual contexto. Com o objetivo de discutir a utilização e apresentar possibilidades de uso de novas mídias sociais e digitais na educação superior, o presente trabalho norteia-se a partir do questionamento sobre que tipos de estratégias de ensino vêm sendo desenvolvidas no âmbito do ensino superior fazendo uso das novas plataformas de mídias digitais e sociais.

Embasado por pesquisas exploratórias bibliográficas, apresenta-se, primeiramente, um resumo sobre as tendências pedagógicas brasileiras, bem como sobre o avanço da internet como ambiente colaborativo de construção do conhecimento. Segue-se com informações acerca do uso de novas tecnologias sociais e digitais de comunicação na educação. Por fim, são apresentadas algumas estratégias de uso do *Facebook*, *WhatsApp* e *Viber* com finalidades educacionais.

### **Memorizar *versus* ressignificar: conhecendo as tendências**

Antes de discutir a inserção de novas tecnologias nos métodos de ensino, faz-se necessário compreender como se chegou ao atual contexto, apresentando tendências pedagógicas que guiaram – e guiam – o processo de ensino com o passar dos anos. Geralmente, os autores apresentam a seguinte divisão: as liberais – que incluem a Pedagogia Tradicional, a Renovada (ou Escola Nova) e a Tecnicista – e as progressistas – que incluem a Pedagogia Libertadora e a Crítica-Social dos conteúdos (ou Histórico-Crítica).

Provavelmente a mais conhecida dessas tendências, a Pedagogia Tradicional e suas práticas resistem ao tempo e perduram em algumas instituições de ensino. Focada na transmissão

---

<sup>4</sup> Uma rede social é definida, conforme Recuero (2009, p.24), “por um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais). Uma rede, assim, é uma metáfora para observar padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”.

de conhecimentos e valores, de uma autoridade (o professor) para um subordinado (o educando), nessa abordagem, o professor é o único detentor do saber e o educando, um mero receptor, que deve memorizar o que é repassado. A memorização parte da exposição de material concreto, que é “mostrado, demonstrado, manipulado, mas o aluno não lida mentalmente com ele, não o repensa, não o reelabora com o seu próprio pensamento” (LIBÂNEO, 1994, p.65).

Alterando o foco do professor para o educando, a Pedagogia Escolanovista surge como um movimento de reforma da Escola. A sala de aula passa a ser um espaço dinâmico, interativo, em que o professor coloca o aluno em condições favoráveis para que, “partindo das suas necessidades e estimulando os seus interesses, possa buscar por si mesmo conhecimentos e experiências” (LIBÂNEO, 1994, p.65). Trata-se de um modo de ensino ativo, em que são assumidos os papéis de aluno-pesquisador e professor-orientador, e onde a aprendizagem se dá contextualizada às situações reais, tornando-a mais significativa.

Adaptando-se às necessidades de cada período da sociedade, na década de 1960, período de grande desenvolvimento industrial no Brasil, o tecnicismo se firma como tendência (LIBÂNEO, 1994), voltada para a produtividade. O planejamento e as técnicas de ensino passam a ter significativa importância nesse processo, onde professores e alunos integram um sistema em que recursos tecnológicos se estabelecem mediando, em parte, a educação. Para Saviani (2005), buscava-se tornar objetivo e operacional o processo educativo.

Lutas sociais por uma transformação política, de maior acesso à educação na sociedade capitalista, fizeram surgir tentativas de desenvolvimento de uma escola constituída através dos interesses concretos da massa, emergindo duas tendências progressistas em busca da diminuição de desigualdades sociais: a Pedagogia Libertadora e a Crítico-Social dos Conteúdos. Libâneo (1994, p. 68 e 69) explica que

A primeira retomou as propostas de educação popular dos anos 1960, refundindo seus princípios e práticas em função das possibilidades de seu emprego na educação formal em escolas públicas, já que inicialmente tinham caráter extraescolar, não-oficial e voltada para o atendimento de clientela adulta. A segunda, inspirando-se no materialismo histórico dialético, construiu-se como movimento pedagógico interessado na educação popular, na valorização da escola pública e do trabalho do professor, no ensino de qualidade para o povo e, especificamente, na acentuação da importância do domínio sólido por parte de professores e alunos dos conteúdos científicos do ensino como condição para a participação efetiva do povo nas lutas sociais (na política, na profissão, no sindicato, nos movimentos sociais e culturais).

Para Saviani (2005), tanto a Libertadora, de Paulo Freire, quanto a Histórico-Crítica, de Dermeval Saviani, são abordagens que buscam maior participação e transformações sociais, eliminando uma postura absolutamente passiva do educando. Posturas similares, porém, emergiam desde a Escola Nova, acendendo espaço para outras concepções, como o construtivismo, de Piaget, e o sociointeracionismo, de Vygotsky, conforme observado por Ebeling (2014).

Para o Construtivismo, o conhecimento é decorrência da construção pessoal do aluno, em que o professor desafia o educando a resolução de projetos e as atividades devem estar contextualizadas à sua realidade e necessidade, pois, para essa concepção, o conhecimento se dá a partir da relação entre sujeito e objeto. Já para o interacionismo de Vygotsky, o sujeito só passa a ter acesso ao objeto, após interagir, relacionar-se com outros sujeitos (EBELING, 2014). Ostermann (2011) destaca que no pensamento vygotskyano, o professor é uma figura que deve ser mediador e facilitador das interações sociais, observando que

os sistemas de signos, a linguagem, os diagramas que o professor utiliza têm um papel relevante na psicologia vygotskyana, pois a aprendizagem depende da riqueza do sistema de signos transmitido e como são utilizados os instrumentos. O objetivo geral da educação, na perspectiva vygotskyana, seria o desenvolvimento da consciência construída culturalmente (OSTERMANN, 2011, p. 43).

Os estudos piagetianos e vygotskyano mostram que a interação, além de palavra em moda, é uma forma de construir conhecimento. Hoje, porém, a interação é mediada, cada vez mais, por aparatos tecnológicos, por meio de plataformas de mensagens, de redes sociais etc. Pensar em estratégias educativas capazes de transformar a interação que ocorre nestes ambientes virtuais, que não os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVA) das instituições, em conhecimento, formando um pensamento crítico, é de fundamental importância na atual conjuntura. É preciso romper com o juízo de que o conhecimento só pode ser transmitido pelo docente, e com o velho modelo de sala de aula, que, aliás, foi invadida pela tecnologia e pelas novas mídias, sobretudo por meio dos alunos.

### **De educandos passivos a usuários colaboradores: o avanço da *web***

Liberdade de comunicação interativa, combinada à facilidade de uso das ferramentas para fazê-lo e a uma arquitetura participativa em redes, forma a base da receita para que as plataformas de mídias sociais possam ser classificadas como *a mais poderosa forma de mídia até hoje criada*. Na versão interativa da *web* é possível fazer muito mais com muito menos e isso é muito poderoso (FONTOURA, 2008, *on-line*, grifo do autor, apud REBOUÇAS, 2014).

Nos últimos anos, a *web* passou por mudanças significativas: de estática, nos anos 1990, passou a ser dinâmica, “da *web* de páginas para a *web* como plataforma”, “da *web* de reação” para de “participação”, da “*web* discurso para a *web* conversação”, interativa (GABRIEL, 2010). Esses avanços são divididos em períodos vividos pela rede: *web* 1.0, 2.0 e 3.0. Estes termos estão mais relacionados às formas como os usuários se comportam do que com as tecnologias envolvidas nesses períodos. Na *web* 1.0, o usuário, sempre passivo, tinha acesso a uma internet estática, em que ele apenas recebia informações existentes na rede. Na 2.0, com o aparecimento de *blogs* e das primeiras redes sociais *on-line*, o usuário passa a ter uma atuação mais participativa, podendo inserir e compartilhar diversos tipos de arquivos. É um momento colaborativo da internet, onde é possível, inclusive compartilhar conhecimentos em enciclopédias livres *on-line*, como a

*Wikipédia*. Finalmente, na *Web 3.0*, há interação total, e “além da informação em si, o contexto e as ligações referentes a essa informação permitirão encontrar um significado que auxilie o uso da *web*” (GABRIEL, 2010, p.79). Trazendo, assim, repercussões sociais importantes, ao ampliar os espaços para a colaboratividade entre os participantes do processo e possibilitando trabalhos coletivos, de troca afetiva e construção social através da rede.

O grande volume de informações na internet colabora para o recebimento de informações cada vez mais fragmentadas, principalmente visuais, e é preciso filtrá-las e transformá-las em conhecimento. Chamadas de Geração Y, as novas gerações já nascem em um momento cujo acesso às mídias é praticamente pleno, são nativos da era digital. Isso evidencia que os conhecimentos adquiridos pelo educando por meio das novas mídias não podem ser desconsiderados na educação. Por meio da comunicação, expõem-se informações e possibilita-se a construção do conhecimento, podendo as novas mídias ser utilizadas para formar cidadãos.

A navegação de usuários da rede que cultivam interesse em comum é um fenômeno cada vez mais recorrente na cibercultura (LEMOS, 2006), com amparo em três leis fundamentais: a) a *liberação do pólo da emissão*, em que a emergência de discursos anteriormente reprimidos pela edição da informação das mídias massivas, agora tem vez, voz, buscando um lugar cada vez mais participativo; b) o princípio da *conectividade generalizada*, uma vez que a rede está em quase todos os espaços públicos e privados, habitando os dispositivos tecnológicos e passando a ser inserida até nos objetos mais simples<sup>5</sup>: agora, estar sozinho não significa mais estar isolado; e c) a *reconfiguração de formatos midiáticos*, que se trata de remodelar práticas e espaços midiáticos, buscando hibridismos, e não uma completa substituição.

A cibercultura trouxe inúmeras transformações no campo educacional, das quais se pode citar: as modificações de hábitos, comportamentos e formatos de relacionamento, incluído entre professores e alunos; eliminação do papel exclusivo de leitor passivo e evolução do de produtor de informação, que agora é distribuída livremente; e, principalmente, o compartilhamento de conteúdos para diversas pessoas, ao mesmo e a todo tempo, com baixos custos. Nessa ambiência das novas mídias, emerge a necessidade da *interatividade*, termo amplamente apropriado e difundido pelos mais diversos mercados e produtos midiáticos atualmente e que se refere, conforme observa Primo (2007),

Ao entendimento de que a interação é uma *ação entre* os participantes do encontro. [...] Logo, a comunicação não é apenas um conjunto de ações para com outra pessoa, mas sim a *interação* criada *entre* os participantes. A interação é caracterizada não apenas pelas

---

<sup>5</sup> A chamada Internet das Coisas ou IOT (*Internet of Things*) é a revolução tecnológica que permite a tendência cada vez maior de conectividade dos itens usados no dia-a-dia à rede mundial de computadores, como eletrodomésticos, meios de transporte, e até mesmo objetos pessoais como roupas, canetas, escovas de dente, etc. Para mais informações: <<http://goo.gl/iu88C9>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

mensagens trocadas (o conteúdo) e pelos interagentes<sup>6</sup> que se encontram em um dado contexto (geográfico, social, político, temporal), mas também pelo relacionamento que existe entre eles (PRIMO, 2007, p.07).

As mídias passam, então, a ser observadas não somente como ferramentas ou instrumentos, mas como efetivos meios capazes de mudar a maneira habitual como lidamos com o mundo, posto que esses meios “são portadores de inovação não apenas no âmbito tecnológico, mas também no social, sensorial, político, econômico e cultural” (DI FELICE, 2013, p. 269). Nesse sentido, o foco se volta para a relação estabelecida entre os interagentes, e não para as partes que compõem o sistema global.

Assim, “a interação não deve ser vista como uma característica do meio, mas um processo que é construído pelos interagentes” (PRIMO, 2007, p.39). E em tal contexto, uma rede social parte da ideia em que as pessoas comungam em sociedade, vem de um conceito sociológico de compartilhar, socializar, ligadas à construção das estruturas sociais. Além dessas redes, estabelecidas em plataformas virtuais, como *Facebook*, *blogs*, *Twitter* etc., dispositivos móveis como *smartphones* e *tablets* integram o novo leque de ferramentas que os professores podem usar dentro e fora da sala de aula, por meio de novas abordagens.

### **Educação em telas: o uso de novas mídias na educação**

Pensar a educação a partir de uma adaptação às novas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e às novas formas de interação, como as que acontecem por meio do *Facebook*, programas educativos, programas de mensagens instantâneas, etc., é um desafio a educadores e pesquisadores da área educacional. A realidade que se vive é a de educandos cada vez mais conectados à *web*, interagindo em rede, por meio de diversos aparatos, sendo a internet um meio, um espaço, democrático que facilita essa comunicação, ela é

o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a internet faz é processar a virtualidade e transformá-la em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos. (CASTELLS, 2003b, p. 287 apud CORRÊA, 2004, p.4)

Mais do que se comunicar, na internet, as pessoas buscam. Buscam pessoas, lugares, conhecimentos. De fato, há um enorme volume de informações disponíveis, o que exige maior filtro nos resultados da busca, verificando fontes seguras de informação. E para isso, por mais facilitado que o acesso às informações seja, os usuários precisam estar habilitados a navegar por esse ambiente de constante proliferação de conteúdos. As instituições educacionais, a fim de inserir os educandos no ambiente da cibercultura, precisam estar conscientes de que não basta informatizar seus espaços, fornecendo livre acesso a computadores ou distribuindo *tablets* e

---

<sup>6</sup> Termo utilizado por Primo (2007) para substituição tanto das denominações “receptor”, quanto “usuário”. O autor entende que estes últimos transmitem a ideia de subordinação, no primeiro, limitando o sujeito à mera recepção de mensagem transmitida; no segundo, como agente manipulador de dados disponibilizados no sistema, ambos sem participação ativa.

*notebooks* aos seus estudantes. É necessário verificar o nível de letramento digital dos alunos, ensiná-los a aprender, a pesquisar, principalmente em sites de busca como o *Google* e em ambientes virtuais.

A necessidade de utilizar de maneira competente e produtiva os novos ambientes e plataformas digitais e virtuais não é exigida apenas no ambiente educacional. Isso é uma cobrança do mercado, da sociedade, inserida numa cultura digital global. Nesse contexto, o uso das TICs na educação não pode ser desconsiderado ou feito sem planejamento. Elas deixam de ter o papel de ferramentas de auxílio e passam a ser parte estruturante da metodologia, não podendo ser utilizadas sem estratégia definida. É preciso não só pensar, mas atuar sobre as ferramentas tecnológicas, que precisam ser utilizadas de forma adequada e contextualizada na educação. Essas ações devem acontecer contando com a participação de uma equipe multidisciplinar, tanto pelo fato de os educadores não possuírem conhecimentos para a elaboração de *softwares*, por exemplo, como para promover a interdisciplinaridade nas informações compartilhadas, favorecendo ligações entre os conteúdos de diversas disciplinas. O contexto digital evidencia que novas formas de comunicação entre docente e discente são necessárias.

Rangel et. al. (2013) apresenta algumas competências exigidas no século XXI relacionadas ao uso de tecnologias e mídias digitais. Algumas delas são: capacidade de obter, avaliar, organizar, classificar, sintetizar, comparar fontes e dados; uso de informação de forma eficiente para resolver um problema, pergunta ou tarefa; entender como maximizar funções cognitivas usando uma variedade de ferramentas e técnicas; interagir de maneira significativa com ferramentas que expandem ou auxiliam nossas capacidades mentais; habilidades de comunicar, trocar, criticar e apresentar informações e ideias utilizando os recursos e aplicações oferecidos pelas TIC; cooperar e trabalhar em grupos heterogêneos; manejar e resolver conflitos; negociar, transitar por diversas comunidades e culturas com respeito e discernimento em relação às suas perspectivas e normas; compreensão do funcionamento e capacidade de operar nas estruturas tecnológicas dos aplicativos, programas, linguagens e sistemas, incluindo conhecimento de máquinas e equipamentos.

Tais competências não são exigidas apenas de alunos ou da população mais jovem. Professores também devem estar atentos ao uso dessas novas ferramentas, fora e dentro de sala de aula. No entanto, muitos deles não possuem tais habilidades, pois muitas delas não eram exigidas ou apresentadas na sua formação. Educadores, assim como os demais atores do processo de ensino e aprendizagem, carecem de preparação para usar as TICs em seu fazer. Peixoto (2005) explana a respeito da busca por novas táticas didático-pedagógicas nesse contexto. A Universidade, como componente da sociedade, também faz parte do contexto digital. Além disso, como espaço de reflexão, pesquisa e formação, precisa oferecer formação complementar e continuada ao docente,

visando atender às novas demandas da sociedade da informação, o que abarca o uso de tecnologias contemporâneas, afinal, também se aprende em ambientes virtuais.

Ao falar nesses ambientes, pode-se lembrar dos AVAs das instituições de ensino, onde os alunos podem ter acesso aos conteúdos da modalidade de ensino a distância. Pesquisas como a de Ebeling (2014) apontam que os alunos, por estarem mais familiarizado com os sites de redes sociais *on-line*, preferem estes aos AVAs institucionais. Interligá-los, assim como às modalidades presencial e a distância, parece ser uma possibilidade eficiente de incentivo à participação dos alunos em ambientes *on-line*, ampliando a probabilidade de transformação de informações isoladas em conhecimento. O uso, como estratégia metodológica de ensino, desses ambientes “informais” e não institucionais, como o *Facebook*, é um processo que precisa de monitoramento e avaliação para verificar os resultados obtidos, o que exige maior comprometimento do professor com a estratégia e com os alunos.

Faz-se necessário ressaltar que o uso das TICs não pode ser indiscriminado. O docente deve refletir sobre seu fazer, sobre a realidade social na qual sua comunidade acadêmica está inserida, bem como sobre as ferramentas disponíveis, a fim de contextualizar as estratégias de uso das mídias. As instituições de ensino também precisam investir em tecnologia que atendam às diversas necessidades de sua comunidade, que potencializem o ensino e a aprendizagem – incluindo a aprendizagem social e autônoma. Segundo Freire (1996, p.25), "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua própria produção ou sua construção". Professores precisam, então, lançar mão de uma educação e planejamento mais flexíveis e que façam uso de ferramentas digitais que possibilitem aos alunos aprender uns com os outros, através da “aprendizagem social” (CIATECH, 2014).

De fato, o ciberespaço tornou-se uma plataforma aberta para aprendizagem, possibilitando de forma mais prática o desenvolvimento de habilidades intelectuais e cognitivas, levando o indivíduo a amplificar as suas potencialidades, sua criatividade e inventividade, conforme analisa Levy (1999). Formulando uma educação emancipatória em que o sujeito educando torna-se coautor, junto ao professor, do conhecimento produzido em sala de aula, as instituições de ensino devem comprometer-se a formar um educando autônomo, hábil em selecionar informações e reelaborar conceitos. Seguindo essa lógica, o autor desenvolve o conceito de *inteligência coletiva*, em que

cada indivíduo é dotado de saberes e experiências, conforme esse indivíduo adquire conhecimentos a rede de comunicação em que está inserido evolui em conjunto com ele, dando início a uma educação em rede em que cada sujeito mantém uma aprendizagem cooperativa imprimindo novas formas de se relacionar com o saber e contribuindo para o desenvolvimento cognitivo da sociedade como um todo. (...) O professor torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo. Sua atividade será centrada no acompanhamento e na gestão das aprendizagens: o incitamento à troca dos



saberes, a mediação relacional e simbólica, a pilotagem personalizada dos percursos de aprendizagem e etc. (LEVY, 1999, p.171).

Além de uma reflexão inicial sobre as plataformas e programas que possibilitam a interação, é preciso pensar ainda sobre os aparatos tecnológicos, os *hardwares* que possibilitam o acesso, como os computadores, *notebooks*, *smartphones* etc. Segundo pesquisa da *Teleco*<sup>7</sup>, os *smartphones*, demarcados como aparelhos de celular que possuem sistema operacional e facilitam o acesso à internet móvel, já correspondiam, em 2014, a 76,1% do total de celulares comercializados no Brasil. Para a *Shift eLearning* (2013 apud CIATECH, 2014), em 2015, o número de usuários que usarão os dispositivos móveis para acessar a rede chegará a 80%. Além disso, aponta que os dispositivos móveis vão estar cada vez mais presentes como recurso de *e-Learning* (educação *on-line*), evidenciando um cenário de *m-Learning* (algo como educação *on-line* e móvel), que também é uma tendência apontada pela WebAula (2014) e necessita de planejamento e conteúdo exclusivo para as plataformas móveis. Tais ferramentas facilitam o uso de algumas tendências como instrumentos de aprendizagem e comunicação apontadas por Ciatech (2014), tais como vídeo/canais de vídeo, *Twitter*, mensagens instantâneas seguras e fóruns de discussão, que colaboram para o dado de que 42% dos usuários consideram que promover a aprendizagem por celular é essencial ou muito útil.

A tecnologia tem proporcionado a usuários de mídias sociais acesso a uma ampla variedade de plataformas, permitindo a comunicação do conhecimento em tempo real por um sistema de redes globais que se comunicam em larga escala. Como é descrita hoje, a aprendizagem social é uma síntese do ambiente de mídia social, que transforma o potencial de espaços de conhecimento colaborativo em ambientes de aprendizagem interativa e de troca, fundamentada na interação sociocultural (CIATECH, 2014, p.11).

Ainda segundo Ciatech (2014, p. 11), alguns dos principais motivos para usar tecnologias para aprendizagem social são: apoiar uma cultura de aprendizagem; estimular colaboração e inovação; trocar informações para solucionar questões pontuais; aumentar a motivação de aprendizes; melhorar uma aula presencial ou virtual com uma solução de aprendizagem; cortar custos relacionados a outros métodos de aplicação de aprendizagem; e aumentar a transferência do aprendido.

Hoje, as pessoas estão em total controle do que fazem, das relações que constroem ou de quanto tempo passam em qualquer atividade, de acordo com seu interesse, necessidade ou valor que isso acrescenta. Como um reflexo disso, a forma de aprender tem gradualmente se tornado mais autônoma e flexível. [...] A autonomia de quem aprende consiste em se tornar consciente como aprendiz, identificando estratégias próprias, necessidades e objetivos, com a oportunidade de reconsiderar e remodelar estruturas e procedimentos para a aprendizagem que ele mesmo considera ideal. Nunca foi tão propício fazer com que as pessoas aprendam por si mesmas. Assim, vai sair à frente quem garantir o acesso apropriado a ferramentas e recursos para que todos sejam capazes de identificar, pesquisar, recuperar e, acima de tudo, avaliar a informação de uma série de fontes confiáveis (CIATECH, 2014, p.19).

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.teleco.com.br/smartphone.asp>>. Acesso em: 29 jun. 2015.

Buscar novas estratégias que façam uso de tecnologias de informação e comunicação, contextualizadas à realidade dos educandos e que favoreçam a aprendizagem, o pensamento crítico e autônomo e a construção do conhecimento significativo, passa a integrar os fazeres do professor. O uso de interfaces *on-line* favorece a diminuição de práticas baseadas única e exclusivamente na transmissão do conhecimento pela oratória. Elas valorizam a interação entre os atores da educação, a ressignificação dos conteúdos e evidenciam que a construção do conhecimento não está limitada à sala de aula e não se dá de maneira rígida, com um percurso definitivo. Dessa forma, a partir das reflexões feitas acerca da leitura bibliográfica e de observação empírica, pontua-se a seguir algumas ideias de uso de novas mídias sociais que podem favorecer a aprendizagem.

### **Ideias de uso de novas mídias em práticas educativas**

As pesquisas em torno do uso educativo das novas mídias sociais vêm crescendo, principalmente no tocante ao uso do *Facebook*. Estudos como o de Patrício e Gonçalves (2010), Ebeling (2014) e Gomes (2011) são exemplos disso. Percebeu-se que boa parte dos estudos diz respeito ao uso da ferramenta “Grupo”, que, segundo o *Facebook*, são espaços privados onde o usuário tem a possibilidade de compartilhar atualizações, imagens ou documentos, além de enviar mensagens a outros integrantes do grupo, que possuem interesses em comum. Os administradores também podem selecionar uma das três opções de privacidade para cada grupo criado: a) *Público*, onde qualquer usuário da mídia social pode participar ou ser adicionado ou convidado por um membro, e onde as publicações podem ser visualizadas por qualquer um destes; b) *Fechado*, no qual qualquer um pode pedir para participar ou ser adicionado ou convidado por um membro, mas as publicações de grupos com essa opção de privacidade só podem ser visualizadas por integrantes do grupo; e c) *Secreto*, onde a pessoa deve ser adicionada ou convidada por um membro para participar, pois o nome do grupo só pode ser visto por membros atuais e ex-membros; a visualização de publicações seguem a mesma regra dos “grupos fechados”. Ressalva-se, porém, que Patrício e Gonçalves (2010) optaram pela criação de um perfil<sup>8</sup> na mídia social, o que não pode ser considerado o método mais adequado, já que este é um atributo direcionado ao uso pessoal da plataforma. Quando empresas, marcas, organizações ou grupos específicos pretendem se conectar, interagir ou compartilhar conteúdos com usuários, o *Facebook* aconselha que isto seja feito por meio de Grupos ou Páginas<sup>9</sup>.

<sup>8</sup> Perfil se refere a um cadastro de dados pessoais que o usuário da internet deve realizar para fazer parte de plataformas de redes sociais *on-line*, sites e blogs, por exemplo. É uma identificação do usuário, a forma como ele se apresenta nessas plataformas.

<sup>9</sup> Páginas servem para empresas, marcas e organizações compartilharem suas histórias e se conectarem com as pessoas. Assim como os perfis, é possível personalizar as Páginas publicando histórias, promovendo eventos, adicionando aplicativos e muito mais. As pessoas que curtirem a página e os amigos delas poderão receber atualizações em seus *Feeds* de notícias, que é a lista contínua de atualizações na página inicial, que mostra as novidades de amigos.

Por meio da leitura dos trabalhos supracitados, percebeu-se, assim como já havia sido notado em observação empírica, que cada vez mais educadores vêm fazendo uso dos grupos do *Facebook* como espaço para divulgação de textos e *links* com informações interessantes para os educandos, além de postagens com indagações que estimulem a participação destes. Atividades que visam a análise de outras postagens feitas na plataforma também apareceram como estratégia utilizada pelos professores. É necessário reafirmar que o uso dessas estratégias não deve ser de forma indiscriminada, posto que planejar é fundamental.

O processo de planejamento requer, primeiramente, maior diálogo e integração entre os professores. No âmbito do ensino superior, por exemplo, todas as disciplinas possuem seu nível de importância para formação do cidadão e do profissional que sai da Universidade. Por esse motivo, o uso do *Facebook* deve, preferencialmente, ser pensado em conjunto entre os professores, visando o desenvolvimento de atividades com visão interdisciplinar, estimulando os alunos a buscar e refletir conexões entre as diversas disciplinas. Promover debates e questionamentos nos grupos de *sites* de rede social *on-line*, conforme verificado na bibliografia analisada, tem apresentado bons resultados no que diz respeito à participação, interação e reflexão dos educandos. Isto, porém, deve ir além, caso objetive a construção do conhecimento de forma mais significativa, deve ser contextualizada à realidade dos educandos não só no que diz respeito à tecnologia, mas, principalmente, no tocante à sociedade em que ele atuará como profissional. Phillips et al. (2011) ressaltam que as novas tecnologias sociais e móveis impulsionam diversas mudanças, estimulando a participação através da criação e compartilhamento de conteúdos, quebrando paradigmas na forma de se aprender. Isso acontece, inclusive, através de dispositivos móveis, que possibilitam ao educando ficar *on-line* em qualquer lugar, por um período de tempo até maior do que o que permanece em sala de aula.

Seguindo esse preceito de que há maior participação dos educandos por meio da criação e compartilhamento de conteúdos, uma estratégia que pode ser desenvolvida é a criação de uma Página, no *Facebook*, em que os alunos serão responsáveis por planejar, desenvolver e publicar conteúdos. O professor, atuando como orientador nesse processo, deve salientar a importância do discurso ser criativo e próximo ao utilizado pelos demais usuários da rede, que também devem ser estimulados a interagir nas publicações. Ao professor, também cabe a tarefa de verificar e acompanhar a qualidade, veracidade e adequação dos conteúdos antes mesmo de serem efetivamente disponibilizados publicamente. Ao optar pela criação de um Grupo, o professor pode seguir as mesmas recomendações, mas como a visualização das publicações fica restrita aos integrantes, o processo pode acontecer de modo menos formal e as reflexões (interdisciplinares) podem ser estimuladas e mediadas pelos professores participantes através dos comentários, como em um fórum de discussão.

Phillips et al. (2011) apontam alguns atributos relevantes da experiência de aprendizagem digital, tais como:

I) *Interativo*: alunos que criam seu próprio conteúdo e interagem por mídia social podem expressar sua identidade e criatividade; II) *Centrado no aluno*: transfere a responsabilidade pela aprendizagem para o aluno, exigindo que os alunos desempenhem um papel mais ativo em seu próprio processo de aprendizagem e fazendo com que os professores os auxiliem caso surjam dificuldades; III) *Autêntico*: os professores devem encontrar maneiras de reconciliar o uso da mídia social em sala de aula com a maneira autêntica com que os adolescentes a usam fora da sala de aula. O uso da mídia social e da tecnologia deve estar atrelado a uma meta ou atividade de aprendizagem específica; IV) *Colaborativo*: a aprendizagem é uma atividade social e muitos alunos aprendem a trabalhar melhor com um grupo de colegas. Essa colaboração e os comentários dos colegas podem ser de forma virtual ou pessoalmente; V) *Sob demanda*: o conteúdo do curso deve ser disponibilizado “sob demanda” para que o aluno possa ver os materiais do curso quando, onde e como quiser, seja em um computador, telefone celular ou outro dispositivo móvel (PHILLIPS *et al.*, 2011, p.13).

Aprender por dispositivos móveis tem se tornado cada vez mais comum. Oliveira et. al. (2014), inclusive, revelam a experiência de um curso ministrado por meio do recurso Conversa em Grupo<sup>10</sup> do *WhatsApp*, que é um aplicativo multiplataforma que possibilita a troca de mensagens por celular – as mensagens podem incluir texto, imagem, vídeo, áudio, localização e contato –, fazendo uso de conexão de internet. O estudo aponta a eficácia de ensino-aprendizagem possibilitada pela utilização do aplicativo, pois proporcionou motivação e entusiasmo aos educandos, que apontaram significativo grau de satisfação com o método, ampliando relações pessoais dos membros do grupo, bem como a percepção de comunidade e coparticipação.

Para o desenvolvimento do curso, foi feito um planejamento em que os conteúdos foram divididos em unidades e informados aos alunos. A cada nova unidade, um novo grupo era criado, a fim de não misturar os conteúdos. Além dos grupos de unidade, foi criado um grupo para tirar dúvidas e outro para interação social entre os alunos. Para a promoção do curso, foram desenvolvidos vídeos, áudios e imagens de textos com conteúdos e questionamentos para enviar aos participantes do grupo.

Apesar da relevância na aprendizagem e da satisfação dos educandos com o método, há alguns pontos negativos que precisam ser destacados. Primeiramente, é necessário levar em consideração que os alunos podem participar de diversos outros grupos e, portanto, um curso ministrado exclusivamente pelo *WhatsApp* exigirá maior comprometimento por parte desses atores. Segundamente, devido ao grande número de mensagens e interações, o acompanhamento das discussões pode não acontecer de maneira eficiente, o que, inclusive, foi detectado por Oliveira et. al. (2014). Finalmente, a facilidade de se desvincular do grupo pode ser um fator que aumente o índice de evasão. Diante disso, acredita-se que esse método pode ser mais adequado como ferramenta de apoio às discussões iniciadas em sala de aula, além de estreitar laços na relação professor-educando, que Gil (2007) pontua como algo fundamental no processo de ensino-

<sup>10</sup> A Conversa em Grupo é um recurso do *WhatsApp Messenger* que permite conversar com até 100 pessoas ao mesmo tempo.

aprendizagem. Não são excluídos, porém, os méritos de tal estratégia como metodologia acabada de promoção do ensino.

A terceira e última proposta de uso de novas mídias sociais e digitais na educação pode ser considerada a mais ousada das citadas neste trabalho, pois envolve a convergência entre as mídias. Trata-se de uma ferramenta semelhante a das Conversas em Grupo do *WhatsApp*, mas através de outra plataforma, com diferentes peculiaridades: o *Viber*. Neste, há a possibilidade de criar grupos abertos com até 100 membros, que poderão compartilhar vídeos, textos e imagens, mas podem ser seguidos por um número ilimitado de usuários, que podem apenas curtir ou comentar as publicações dos membros. Os grupos possuem ainda um endereço URL para divulgação.

A proposta, que inclusive já vem sendo aplicada por diversos grupos do *Viber*, é delineada da seguinte forma: cria-se um grupo de usuários membros (professores e/ou alunos) que serão responsáveis por proporcionar compartilhamento de conteúdos e discussões no grupo, em um período previamente acertado; feito isto, os membros, assim como os demais atores do processo, passam a divulgar a URL do grupo, para que outros usuários possam seguir e estimular as discussões; chegado o momento determinado para a discussão, os membros podem fazer uso das plataformas *Twitter* e *Facebook* para que seguidores possam enviar, através de *hashtags*<sup>11</sup>, por exemplo, questionamentos aos membros do grupo. Acredita-se que este método pode promover maior integração do aluno com a comunidade acadêmica em geral, já que pode contar, de maneira convergente e interativa, com a participação de diversos usuários, em diversas plataformas.

É possível perceber que as três propostas apresentadas fazem alusão ao pensamento vygotskyano, para qual a construção do conhecimento se dá a partir da interação. Aqui, focou-se na interação que acontece principalmente a partir de mídias sociais e digitais presentes em diversos contextos na contemporaneidade. Independente das estratégias escolhidas, todavia, faz-se necessário destacar a importância do processo de acompanhamento, mediação e avaliação que o professor deve desenvolver, pautando-se não na quantidade, mas na qualidade da interação e participação dos alunos.

### **Refletindo e reconstruindo conhecimentos**

Reflexões acerca de novas propostas educacionais no contexto da *cibercultura* têm ganhado cada vez mais espaço na contemporaneidade. Escola e Universidade deixaram de ser os únicos espaços de construção do conhecimento, o que faz com que essas instituições reflitam a respeito do seu papel na sociedade e na formação de cidadãos e profissionais. Hoje, por meio de plataformas sociais e digitais, a ideia de que se aprende em qualquer lugar, a qualquer momento, tornou-se mais evidente, mas, agora, isso acontece de maneira mais interativa, conectada em rede.

---

<sup>11</sup> *Tags* são marcadores/palavras-chave usadas em conteúdos semelhantes. No *Twitter*, para agregar mensagens com o mesmo conteúdo, são utilizadas *tags/hashtags*, por meio do sinal # antes de palavra-chave escolhidas pelos usuários.

Os achados deste estudo vão ao encontro de educadores que têm dedicado tempo ao delineamento de novas propostas de ensino em salas de aula tradicionais, que vêm se tornado cada vez mais ilimitadas, com alunos que estabelecem outros pontos de contato além do referido ambiente. Além disso, são propostas que, se bem planejadas e contando com o comprometimento de todos os atores do processo, proporcionam significativo grau de satisfação e aprendizagem dos educandos. É possível perceber que as ideias de uso aqui apresentadas são pautadas no método da discussão, que, para Gil (2007), não é uma estratégia que deve ser utilizada para alcançar quaisquer objetivos de ensino. Frisa-se a necessidade de alinhamento com outras propostas de ensino, de verificação se a discussão é o melhor método para alcançar os objetivos pretendidos. Fato é que as discussões realizadas nos ambientes aqui apresentados (*Facebook*, *WhatsApp* e *Viber*) colaboram para uma tendência discutida neste estudo, a aprendizagem social. Tal modo de aprender é baseado na interação, no aprender a partir do diálogo com o outro.

Reconhecendo que a construção do conhecimento é algo que não cessa, entende-se que o presente estudo deve ser continuado a fim de que os métodos apresentados sejam atualizados e recontextualizados na efemeridade do uso das aplicações sociais. Instituições de ensino devem manter-se atentas aos novos contextos sociais em que seus educandos estão inseridos, e educadores devem contar com autonomia metodológica para aplicação das abordagens que envolvem novas tecnologias. Por fim, acredita-se este trabalho possibilita novas interpretações e usos, o que se pretende fazer no desenvolvimento de um artigo de conclusão de curso de especialização em andamento, principalmente no tocante a aprendizagem social e ao *m-Learning*.

## REFERÊNCIAS

- CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- CORRÊA, C. H. W. Comunidades virtuais gerando identidades na sociedade em rede. *Ciberlegenda*. n. 13. Rio de Janeiro: UFF, 2004. Disponível em: <<http://goo.gl/SZqh20>>. Acesso em: 29 jun. 2015.
- COSTA, A. M. S. N.; FERREIRA, A. L. A. Novas possibilidades metodológicas para o ensino-aprendizagem mediados pelas redes sociais Twitter e Facebook. *REnCiMa*, v. 3, n. 2, p. 136-147, 2012. Disponível em: <<http://goo.gl/QlhbQX>>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- DI FELICE, M. Net-ativismo e ecologia da ação em contextos reticulares. *Contemporânea* (UFBA. Online), v. 11, p. 267-283, 2013.
- EBELING, F. C. R. *Redes Sociais: Facebook – possibilidade de apoio ao ensino presencial*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estácio de Sá: Rio de Janeiro, 2014.
- FACEBOOK. *Central de Ajuda*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/help/>>. Acesso em: 29 jun. 2015.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Viber lança ferramenta de 'grupos abertos' para app de mensagens*. São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/7DZ02t>>. Acesso em: 2 jul. 2015.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

- GABRIEL, M. *Marketing na era digital*. São Paulo: Novatec, 2010.
- GIL, A. C. *Didática do ensino superior*. 1. ed. São Paulo: Atlas, 2007
- GOMES, M. C. C. F. M. L. *A comunicação em ambiente online* – O Papel da Supervisão Pedagógica numa Comunidade Virtual de Aprendizagem criada na Rede Social Facebook. Portugal, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/hsbq6o>>. Acesso em: 28 jun. 2015.
- LEMOS, A. Ciber-cultura-remix. In: ARAÚJO, Denize (org.). *Imagem (ir)Realidade: Comunicação e cibermídia*. Porto Alegre: Sulina, 2006.
- LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo, Cortez, 1994.
- MORAN, J. M. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, J. M.; BEHRENS, M. A.; MASETTO, M. T. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2009.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2006.
- NEITZEL, L. C. *Novas tecnologias e práticas docentes: o hipertexto no processo de construção do conhecimento (uma experiência vivenciada na rede pública estadual de Santa Catarina)*. 2001. 180 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- OSTERMANN, F.; CAVALCANTI, C. J. H.. *Teorias de Aprendizagem*. Porto Alegre: Evangraf; UFRGS, 2011. Disponível em: <<http://goo.gl/es84QF>>. Acesso em: 25 jun. 2015.
- PATRÍCIO, M. R. V.; GONÇALVES, V. M. B. *Utilização Educativa do Facebook no Ensino Superior*. Portugal, 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/iWaI1g>>. Acesso em: 23 jun. 2015.
- PEIXOTO, A. M.; CASASANTA, M. P. (Orgs.). *A escola e seus atores: educação e profissão docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- PHILLIPS, L. F. et al. *Facebook para Educadores*. Brasil, 2011. Disponível em: <<http://www.facebook.com/safety/groups/teachers/>>. Acesso em: 26 dez. 2011.
- PRIMO, A. O aspecto relacional das interações na Web 2.0. *E- Compós* (Brasília), v. 9, p. 1-21, 2007.
- RANGEL, L.; [et. al.]. *Cultura digital e educação* [livro eletrônico]: novos caminhos e novas aprendizagens. São Paulo: Fundação Telefônica Vivo, 2013.
- REBOUÇAS, D. M. *Mídias sociais: da mudança de hábitos à geração de negócios – o case “@DEUSTAVENDO*. 2014. 105f. Monografia (Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda), Centro Universitário Estácio do Ceará: Fortaleza, 2014.
- RECUERO, R. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SAVIANI, D. *As concepções pedagógicas na história da educação brasileira*. Campinas, 2015. Disponível em: <<http://goo.gl/3Bshsf>>. Acesso em: 25 jun. 2015.
- VIBER. Disponível em: <<http://www.chats.viber.com/>>. Acesso em: 2 jul. 2015.
- WHATSAPP. Disponível em: <<http://www.whatsapp.com/>>. Acesso em: 1 jul. 2015.
- WEBAULA. *10 tendências do EAD* – e como a webAula S/A as aplica. 2014. Disponível em: <<http://goo.gl/TkoFrl>>. Acesso em: 29 jun. 2015.